



Voz da Fátima



Director:
PADRE LUCIANO GUERRA
ANO 72 — N.º 857 — 13 de Fevereiro de 1994

Redacção e Administração:
SANTUÁRIO DE FÁTIMA — 2496 FÁTIMA CODEX
Telf. 049/533022 — Telex 42971 SANFAT P — Fax 049/532053

ASSINATURAS INDIVIDUAIS
Território Nacional e Estrangeiro
250\$00

PORTE PAGO
TAXA PAGA
2400 LEIRIA

Propriedade: FÁBRICA DO SANTUÁRIO DE NOSSA SENHORA DE FÁTIMA • PUBLICAÇÃO MENSAL • AVENÇA • Depósito Legal N.º 1673/83

Tempo para amar

Neste Ano Internacional da Família anunciam-se actividades múltiplas que tendem a levar cada um dos humanos a um conhecimento e uma consideração mais atentos e profundos desta instituição universal, que não parece poder receber golpes profundos sem abalos também profundos para a felicidade, que se vive na paz. O tema que hoje gostávamos de tocar não diz respeito só à família, mas diz-lhe respeito em primeiro lugar, se assumimos que a família é o berço do amor, e que o amor é condição indispensável à felicidade e à paz.

Valerá a pena interrogarmo-nos sobre o tempo necessário para a formação e cultivo dos chamados laços familiares? Certamente que vale, numa época em que a todo o momento se ouve gente muito simples a dizer que "não tenho tempo para nada" — o que significa que também não tem tempo para a família, nem tempo para amar, nem tempo para ser feliz. Não é verdade que a expressão mais dramática da falta de tempo é o chamado "stress", e que o stress nasce da falta de tempo para descansar? Estamos numa época em que a exaltação da actividade, da produtividade, e do sucesso, levaram os pobres dos mortais a convencerem-se de que até já nem têm tempo para descansar, porque o descanso aparentemente é uma perda. Poderemos também prescindir do tempo para amar? Só se quisermos prescindir de amar.

Não diremos que toda a gente está a querer prescindir do tempo para amar, mas diremos que a multiplicação, e a diversificação dos contactos e convivência, que a vida moderna implica, diminuiu numa proporção considerável aquilo que poderíamos chamar o tempo da família. Se admitirmos que a família é a instituição, o verdadeiro santuário onde o amor deve surgir na sua expressão mais pura, então não há dúvida de que o tempo para amar sofreu uma alteração que pode pôr em risco a existência do amor. Antes das grandes deslocamentos que a escola, a profissão, o recreio, o turismo, as viagens de negócios, o serviço militar, a emigração, vieram introduzir, o tempo que a família tinha para conviver seria talvez mais do dobro do que tem hoje. Com a agravante para a nossa geração de que o tempo de que dispõe para a família é também ele afectado pelo stress, e por isso muitas vezes "chorado" pelo pai, pela mãe, pelo marido, pela esposa, pelos irmãos que, em lugar de estarem juntos, prefeririam afastar-se para lugares de repouso. Não há aliás muita gente que já prefere o ambiente de trabalho ao do seu próprio lar? Ora, por mais simpático que seja um lugar onde se exerce uma profissão agradável, nenhum lugar de trabalho deveria poder sobrepôr-se à felicidade da vida familiar. A razão desta desordem frequente poderá encontrar-se tanto na diminuição drástica do tempo da família como na degradação desse tempo, hoje profundamente afectado pelo stress. Tantas mães a lamentarem o tempo que passam com os filhos e a despachá-los sempre que podem para aqui e para ali...

Que tempo exigirá então a família para poder ser berço de amor e de paz, a partir da própria preparação, que é o namoro dos futuros esposos? Não podemos apontar bitolas, já que cada um tem o seu ritmo próprio, os seus limites, e cada família o seu equilíbrio. De facto o tempo para amar, mesmo em família, tem um mínimo, aquém do qual a estabilidade e permanência da família entra em risco, ou mesmo em degradação: mas tem também um máximo, já que a família, sendo a célula fundamental para a satisfação das nossas necessidades de amor, não basta a nenhum dos seus membros, mas precisa de se completar no exterior. E para o exterior também é necessário haver tempo. Daí que, nesta questão do tempo da família, como em todas as questões temporais da vida, o fundamental problema reside no equilíbrio. E hoje certamente o equilíbrio do tempo da família e dos restantes tempos, sobretudo da profissão e do recreio, está profundamente alterado.

Mas se as coisas andam todas mais rápidas, e exigem cada vez menos tempo, não poderá também diminuir o tempo da família sem que o seu equilíbrio entre em risco? Esta é a questão a que toda a gente vai dando uma resposta positiva, à medida que a profissão e as amizades extra-familiares vão pedindo mais tempo: supõe-se que se pode sacrificar um pouco mais o tempo da família. E alguns justificam-se dizendo que esse sacrifício pode mesmo ser benéfico para a família. E pode nalguns casos. É possível que o próprio trabalho da mulher fora de casa seja hoje benéfico, e portanto, necessário, para o equilíbrio de muitas das esposas e mães. É preciso ver que nem todas as mulheres encontrariam no trabalho doméstico razão suficiente para ficarem um dia inteiro fechadas em sua casa. Todas as coisas porém têm a sua medida, e só atingem a perfeição quando atingem a medida ideal. Na medida actual o trabalho da mulher provoca frequentemente o stress e rouba-lhe o tempo necessário à sua missão familiar.

A questão portanto não está em dizer que antigamente é que estava bem. A questão está em buscar o tempo justo, que é uma necessidade para o amor, e portanto para a família.

□ P. LUCIANO GUERRA

S. Tomé e Príncipe celebrou 500 anos da sua evangelização

Vamos primeiro situar-nos: Onde fica S. Tomé e Príncipe? Possivelmente só os mais velhos, que estudaram a geografia colonial, se lembrarão ainda de que essas duas pequenas ilhas estão quase no centro da esfera celeste, mesmo pertinho dessa linha que se chama o Equador, e que passa a uns poucos metros do Sul da Ilha de S. Tomé, assim baptizada por ter sido descoberta pelos navegadores portugueses num dia 21 de Dezembro, festa litúrgica de S. Tomé Apóstolo. Com pena da comitiva que se deslocou de Portugal para a celebração dos 500 anos da evangelização da Ilha, não foi possível uma visita à Ilha das Rolas, onde um marco qualquer assinala precisamente essa linha imaginária que divide a Terra em duas partes iguais, no sentido horizontal. A comitiva era constituída pelo Senhor D. João Alves, Bispo de Coimbra e Presidente da Conferência Episcopal Portuguesa, e pelo Rev. Dr. José Alves Cachadinha, director do Secretariado criado pela Conferência Episcopal para a celebração dos cinco séculos de evangelização e encontro de culturas. Estas duas ilhas equatoriais distam do continente africano uns trezentos quiló-

metros, tendo a Guiné Equatorial e o Gabão como vizinhos mais próximos. Juntaram-se aos dois elementos da Comitiva, o Reitor do Santuário de Fátima, convidado também pelo Bispo de S. Tomé, D. Abílio Ribas, e um casal de Fátima.

Seria edificante dizer o que foram esses intensos oito dias de comemorações, de calor, e de cansaço. Desde a paróquia da Trindade, à Sé Catedral, à paróquia da Conceição, e à "longínqua" povoação de Angolares (uns quarenta quilómetros de calhaus soltos e buracos contínuos) foi todo um programa de autêntica evangelização e comunhão eclesial. Os habitantes (120.000 ao todo) primaram pela sua presença e pelas demonstrações de simpatia fraterna. Tudo terminou na catedral, com um solene pontifical, e uma procissão cheia de ritmo, no próprio dia 21 de Dezembro, em que se celebravam os 500 anos. Num dos dias foi a comitiva jantar a um jardim infantil e recolhimento de crianças, a quem o Senhor D. Ribas achou por bem fossem atribuídos os seis mil contos que o Santuário de Fátima lhe entregara, e que provinham de uma caixa colocada para o efeito à por-

ta da basílica. Os restantes seis mil contos que a caixa recolheu destinavam-se a um Fundo criado pela Conferência Episcopal para as Igrejas irmãs em necessidade. Essa caixa vai continuar, destinando-se este ano metade para as crianças de Angola. O que não quer dizer que em S. Tomé não precisem de mais. Como imagem de pobreza extrema, qualquer um pode visitar um antigo bairro da Misericórdia, hoje nacionalizado, onde homens e mulheres, marginalizados, sem dinheiro nem víveres, passam literalmente fome, quando 150\$00 bastariam por dia para os alimentar. Que aliás isso seria ainda superior ao ordenado de uma professora primária, que anda pelos 4.000\$00. Quatro mil!

Conclusão que tirámos da viagem: a Europa deveria fazer tudo, absolutamente tudo, para que uma parte importante dos seus jovens fizesse uma estadia em África, ao menos durante uns meses. Ficariamos curados de muitas das nossas marchas reivindicativas, e prepararíamos dias muito melhores para as gerações futuras. Jovens europeus, ide à África!

□ L. G.

Servitas de Fátima comemoram este ano 70º aniversário

A Associação dos Servitas de Nossa Senhora de Fátima celebra em 1994 o 70º aniversário da sua constituição.

Com a crescente afluência de peregrinos que se começou a verificar logo após as aparições de Nossa Senhora, em 1917, sobretudo de doentes, entendeu o então Bispo da Diocese de Leiria, D. José Alves Correia da Silva, que seria necessário criar-se um serviço de médicos para examinarem os doentes e «um grupo de pessoas dedicadas» que organizassem o acolhimento na Cova da Iria, à semelhança dos Brancardiers de Lourdes.

Assim, em 14 de Junho de 1924, após missa celebrada na Capelinha das Aparições, o Senhor Bispo fundou a Associação dos Servos de Nossa Senhora do Rosário da Fátima. Estabeleciam as suas primeiras regras: «Os Servos de Nossa Senhora do Rosário da Fátima formam uma piedosa Associação de caridade, cujo fim principal é auxiliar os doentes e peregrinos. (...) Prestarão a todos, mas especialmente aos pobres, os cuidados espirituais e materiais que a sua prudência lhes ditar, orando pela conversão dos pecadores e alívio dos doentes e procurando, durante as peregrinações e actos de culto, se observe a máxima ordem e respeito...»



Em 1991, em Fátima, os Servitas deram ao Papa um belo presente: um relicário contendo fragmentos da raiz da azinheira onde apareceu Nossa Senhora.

Passados 70 anos, os Servitas continuam a sua missão no Santuário de Fátima, fiéis ao espírito para que foram criados.

Os seus membros, actualmente cerca de 450, continuam a ser voluntários, católicos empenhados, provenientes de todo o país, e que por decisão própria e por amor a Nossa Senhora servem em Fátima, acolhendo os peregrinos. Muitos dos actuais Servitas são já netos dos primeiros Servitas, existindo uma forte componente de fidelidade que se transmite de geração em geração.

Estão presentes nas grandes peregrinações aniversárias, nos retiros de

doentes e nos fins-de-semana. Actuam principalmente na assistência dos doentes e na organização das diversas celebrações.

São facilmente reconhecíveis. Os homens usam, como símbolo de serviço, umas corceias aos ombros, que serviam originariamente para o transporte das macas, e as senhoras uma farda branca e um véu com uma estrela azul.

O Papa João Paulo II, em Fátima, dirigiu-se assim aos Servitas: «Filialmente devotados a Nossa Senhora, vós sois também instrumentos de Deus misericordioso as servirdes os vossos irmãos, especialmente os doentes e os mais neces-

sitados... oxalá continueis a deixar-vos iluminar por esta "razão da vossa esperança" e que seja ela a dar-vos coragem para levardes por diante, com serenidade, alegria e amor as tarefas que aceitais generosamente...»

Ao longo deste ano os Servitas de Fátima irão realizar vários eventos, comemorando assim o seu aniversário, dos quais destacamos um grande encontro de reflexão, uma peregrinação a Tuy e Pontevedra e uma peregrinação à Terra Santa. De igual modo, como motivo de celebração e de crescimento espiritual os Servitas adoptaram para os seus 70 anos o lema «RENOVAR A MISSÃO».

Jacinta em Lisboa

A permanência da Jacinta em Lisboa prolongou-se por 30 dias, divididos em duas partes: 12 dias no Orfanato de Nossa Senhora dos Milagres e 18 no Hospital de Dona Estefânia.

Na primeira etapa concedeu-lhe o Senhor umas consolações, que dificilmente teria imaginado: — a vida de união com Jesus Eucarístico. A mãe, que a acompanhou, tanto na viagem como na primeira semana, declarou no Interrogatório oficial:

"Da casa da Senhora Dona Maria da Purificação (Orfanato) iam os missa ambas as duas, à igreja da Estrela, onde a Jacinta se confessou e comungou algumas vezes".

Baseando-se nas informações recebidas, deu a Irmã Lúcia o seguinte testemunho: — "Uma das suas maiores alegrias era poder passar grande parte do dia numa tribuna que dava para a igreja (dos Milagres), em frente do sacrário".

Estas palavras encontram confirmação no testemunho da Directora do mesmo Orfanato: "Passava longas horas diante do Santíssimo Sacramento, sentada num banco duma tribuna, que dá para a Capela dos Milagres".

Pôde também manifestar o seu amor, fazendo apostolado, não só com a oração e bom exemplo, mas também com palavras:

"Tínhamos no Asilo — declara a Directora — umas 20 ou 25 crianças. Com todas a Jacinta se dava bem; mas não gostava muito de falar e conversar. Preferia a companhia duma rapariguita da sua idade, a quem fazia os seus sermões. Era engraçado ouvi-la. Atrás da porta semiaberta, para não a embarçar, pude assistir a muitas dessas práticas: — Não debes mentir, nem faltar nunca à verdade; não debes ser preguiçosa; debes ser muito obediente e suportar tudo por amor de Nossa Senhora, com paciência, se queres ir para o Céu".

Quer nesta casa, quer no hospital foi algumas vezes visitada por Nossa Senhora. A uma destas Aparições se refere a Irmã Lúcia: "De Lisboa mandou-me ainda dizer que Nossa Senhora já lá a tinha ido ver e lhe tinha dito a hora e dia em que morreria; e recomendava-me que fosse muito boa".

No dia 2 de Fevereiro — Festa da Apresentação de Jesus no Templo e Purificação de Nossa Senhora —, passou para o hospital de Dona Estefânia. No



dia 10 foi operada pelo Doutor Leonardo de Sousa Castro Freire, então Professor extraordinário e a partir de 1939 Professor Catedrático da Faculdade de Medicina.

Em ordem ao Processo de Beatificação e Canonização da Jacinta, concedeu este ilustre médico uma entrevista ao Senhor Dom Alberto Cosme do Amaral, Bispo de Leiria-Fátima, na presença do Vice-Postulador, Padre Luís Kondor. Depois de transcrito foi o depoimento confirmado e assinado pelo Autor.

Eis algumas passagens do seu testemunho:

— Em que circunstâncias conheceu a Jacinta?

— Eu era especialista de Pediatria e Professor Extraordinário, quando a conheci no Hospital de Dona Estefânia, onde eu trabalhava. Ela chegou ao hospital em estado muito grave, com 'fácies' de muito sofrimento. Na sequência de uma pneumonia, surgiu uma pleurisia purulenta. Também apresentava duas costelas cariadas...

— Foi o Senhor Doutor que operou a Jacinta? Pode dizer em que consistiu a operação?

— Sim, fui eu que operei a Jacinta. A operação consistiu em abrir uma fístula, bastante larga para a drenagem do pus e em ressecar as duas costelas.

— Quando operou a Jacinta sabia já que se tratava da Vidente de Fátima?

— Não, senhor. Não sabia! Soube-o mais tarde pela enfermeira Nadeje, que um dia me disse: 'Esta pequena é a pequena das visões de Fátima'.

— Nada de especial o impressionou no comportamento da Jacinta, nem du-

rante a operação, nem depois da operação?

— Deu-me a impressão, deixou-me sempre a impressão de uma criança com muita coragem, porque uma anestesia que não é geral, não evita todas as dores com a abertura da fístula, etc. As palavras que lhe ouvi durante a operação eram apenas estas: 'Aii Jesus! Aii Meu Deus!'

— Atendendo a tudo quanto acaba de me dizer, pode considerar heróica a paciência da Jacinta?

— Com certeza, sobretudo se considerarmos quanto sofreu, o modo como sofreu; e o facto de ser uma criança, pois, como sabe, um adulto tem mais capacidade para sofrer do que uma criança".

Não obstante todos os cuidados médicos, a pequenita foi enfraquecendo e piorando, até que raiou o dia 20 de Fevereiro de 1920.

As seis horas da tarde declarou que se sentia mal e pediu os Sacramentos. Pelas oito horas fez a última confissão ao Rev. Prior da Freguesia dos Anjos, Monsenhor Manuel Pereira dos Reis. Suplicou que lhe trouxesse o Sagrado Viático, porque ia morrer. O sacerdote, não descobrindo sinais de morte próxima, resolveu dar-lho só no dia seguinte.

Pelas 10.30 horas dessa noite, Jacinta, obra-prima da graça, uma das mais belas e puras almas, que pisaram este mundo de pecado, expirou tranquilamente, sozinha, como Nossa Senhora lhe tinha predito.

□ P. FERNANDO LEITE

Grande movimento na Capela da Reconciliação

Embora a conversão do coração seja um segredo só de Deus conhecido, a frequência do sacramento da reconciliação é certamente um indicio do desejo de conversão naqueles que dele se aproximam. Sendo Fátima um lugar de apelo muito forte à aproximação ou reproximação dos homens com Deus, o movimento na Capela da Reconciliação, inaugurada em Agosto de 1992, pode dar-nos uma ideia do lugar que o sacramento do perdão, como também se pode chamar, ocupa na peregrinação a Fátima. Assim de 1 de Janeiro a 31 de Dezembro de 1993 abeiraram-se do sacramento da reconciliação, naquela Cape-

la, cerca de 120.000 pessoas, mais exactamente 117.138, das quais 82.948 senhoras (70%), e 34.190 homens (30%). Se considerarmos que nem todos os penitentes foram registados, que neste número não se incluem os das peregrinações anuais de Verão nem todos os que se confessam nas várias capelas das Casas Religiosas de Fátima, podemos admitir que não andarão longe dos 150.000 os peregrinos que durante o ano se aproximam do Sacramento do Perdão.

Estes 150.000 não correspondem a outras tantas pessoas, já que muitos se confessam várias vezes por ano.

Famílias anónimas o que são?

FA (Famílias Anónimas) são grupos de entre-ajuda que se reúnem regularmente e que estão abertos a todas as pessoas que tenham familiares ou amigos com problemas de droga e/ou álcool. São grupos de parentes e amigos que tomaram consciência de que o comportamento de alguém que lhes é muito querido está a afectar seriamente as suas vidas. FA são amigos que não se chocarão com os seus problemas, e que estão dispostos a ajudarem-se mutuamente. Completamente anónimos e independentes.

Em Portugal existe, já há dez anos, a Associação Portuguesa de Famílias

Anónimas. Conta actualmente com 39 grupos, espalhados por todo o país. Em Fátima existe também um grupo de FA. Reúne-se todas as sextas-feiras, às 20 horas, no Santuário de Fátima, na Casa de Retiros de N.ª S.ª do Carmo. Este grupo celebrou o seu primeiro ano de existência no passado dia 7 de Janeiro, com uma reunião aberta a toda a gente. Nela participaram e deram testemunho familiares de toxicod dependentes em recuperação e ex-drogados.

Para contactar o grupo de Fátima, basta ligar para o telefone (049) 531401 ou (049) 251176.

Imagem Peregrina na Alemanha

A primeira imagem da Virgem Peregrina de Fátima esteve na paróquia de S. Sebastião — Schechingen, diocese de Rottenburg-Stuttgart, Alemanha, de 27 de Setembro a 21 de Novembro do ano passado. No dia 1 de Outubro realizou-se um tríduo de oração, presidido pelo responsável do Apostolado de Fátima na Alemanha, Rev. P. Martin Übelhör. Em todos os domingos e quintas-feiras, das 21 às 24 horas, houve uma Hora Santa na igreja paroquial. Nos restantes dias a imagem visitou as famílias que a queriam receber.

Depois de Schechingen, a imagem partiu para a paróquia de St. Josef — Böbingen, na mesma diocese. Inicialmente estava previsto permanecer aí até ao Natal, mas acabou por ficar até fins de Janeiro deste ano, uma vez que o pároco, Rev. Georg Kolb, adoeceu (sofreu cinco enfartes durante esse período), não lhe tendo sido possível cumprir o programa que tinha preparado naquele período.



Despedida da Imagem Peregrina, na Igreja de S. Sebastião — Schechingen.

Desde já convidamos os leitores da Voz da Fátima a rezarem por sua intenção.

Desde já convidamos os leitores da Voz da Fátima a rezarem por sua intenção.

Bodas Matrimoniais em Junho

Aos casais que celebram as suas bodas matrimoniais na proximidade do 10 de Junho, agradecemos que o comuniquem para: Serviço de Peregrinos (SEPE), Santuário de Fátima — 2496 FÁTIMA CODEX.

Fátima dos pequeninos

FEVEREIRO 1994

N.º 161



Olá, amigos!

Alguns de vocês recorda quando começou a ajudar os pais nos trabalhos de casa? Lúcia, a mais velha dos três pastorinhos a quem Nossa Senhora apareceu, conta como ela, o Francisco e a Jacinta, começaram a ajudar a família, tomando conta dos rebanhos. Tinha ela 7 ou 8 anos quando começou a ser pastora. Tinha outras irmãs e um irmão. Mas era preciso fazer o trabalho do campo que era mais pesado; e a mais nova, que era a Lúcia, tinha que encarregar-se do rebanho. Mas antes mesmo de começar a ser pastora, já ela se encarregava de entreter as crianças da vizinhança enquanto as mães iam trabalhar. Começou muito cedo a Lúcia a trabalhar, não acham?...

E o Francisco e a Jacinta também. Pela mesma idade da Lúcia, começaram a acompanhá-la levando o seu rebanho a pastar juntamente com o dela. Nesse tempo poucos meninos iam à escola, porque não havia escolas assim por toda a parte, como hoje. Mas os meninos também não desperdiçavam o tempo de qualquer maneira. Brincavam, mas também trabalhavam. É que o trabalho faz crescer as pessoas e também as famílias, acreditam?...



É também a Lúcia que conta o que se passava na casa dela, à noite, quando todos vinham do trabalho do campo, depois da ceia e da reza que se seguia.

Diz assim:

"Todos tinham que fazer: minha irmã Maria ia para o tear; meu pai enchia as canelas; a Teresa e a Glória iam para a costura; minha mãe fiava; a Carolina e eu, depois de arrumarmos a cozinha, éramos empregadas a tirar alinhavos, pregar botões, etc.. Meu irmão, para espalhar o sono, tocava harmónio, ao som do qual cantávamos..."

Que família feliz, não acham? Apesar de tanto trabalho, era uma família que crescia na união e no amor. E era aí, no trabalho, que a família se encontrava, se unia e crescia junta. Esta família compreendia bem aquela palavra de S. Paulo aos cristãos de Tessalónica: "Quem não quiser trabalhar, não tem direito a comer... pedimos que trabalhem pacificamente para comerem o pão que tiverem ganho..." (Cf 2 Tes 3, 10).

E foi assim, no meio do trabalho, que os pastorinhos tiveram a visita da Senhora da Fátima.

Até parece que foi a dizer-lhes que apreciava o seu trabalho, o seu esforço por ajudar a família. E de certeza que sim. Nossa Senhora como Jesus, Seu Filho, não deixarão de apreciar todos os esforços de quem quer ajudar a sua família...

Mas há meninos que não gostam de trabalhar. Há famílias que não gostam de trabalhar. Talvez por isso há alguns que passam fome, e vivem mal. Mas o trabalho dá alegria, dá felicidade. É um bom costume pensar muitas vezes:

— O trabalho que eu faço hoje, a quem é que vai tornar feliz? — O que é que eu poderei fazer mais para tornar a minha família feliz? — Como é que eu posso aproveitar bem o tempo para que tudo o que eu faço seja útil para mim e para os outros?...

Experimentem fazer estas perguntas a vocês mesmos... deem a resposta e sejam corajosos para corrigir alguma coisa, se for preciso. Acreditem que vale a pena! O trabalho ajuda a crescer!

Até ao próximo mês, se Deus quiser!

□ IR. M.ª ISOLINDA

A família, com Maria: protagonista da paz

D. Serafim de Sousa Ferreira e Silva, bispo de Leiria-Fátima, presidiu às celebrações da Peregrinação Mensal de 13 de Janeiro, marcadas por uma elevada presença de sacerdotes, na sua maioria italianos, pouco habitual nas peregrinações de Inverno. É que estava a decorrer, no Santuário de Fátima, a Assembleia Geral do *Segretariato Italiano Pellegrinaggi*, que incluía no programa daquele dia a participação nas celebrações do dia 13.

Assim, depois da recitação do terço, na Capelinha, um cortejo constituído por três bispos, 80 sacerdotes e várias centenas de peregrinos acompanhou a imagem da Virgem de Fátima até à Basílica, onde foi celebrada a Eucaristia. Os bispos presentes eram, além de D. Serafim, Mons. Luigi Poggi, responsável do Arquivo do Vaticano e da Biblioteca Apostólica Vaticana, e Mons. Eugenio Binini, bispo de Massa Carrara-Pontremoli, Itália.

D. Serafim, na homilia da Eucaristia, reflectindo sobre a mensagem do Santo Padre para o Dia Mundial da Paz, cele-



brado no passado dia 1 de Janeiro, afirmou que «a paz resulta de uma soma de valores que se vivem e desenvolvem na instituição básica que é a família». E concluiu: «se a humanidade receber Maria, a

grande pontífice da civilização do amor, em sua casa, então poderemos construir a paz».

Participaram nas celebrações cerca de 1.500 fiéis.

A corrupção rouba o bolso dos pobres

Há uma certa sensação de alívio quando se sabe que um presidente da República teve de deixar o seu cargo, ou quando um Secretário de Estado se senta no banco dos réus para responder por acusações de corrupção. Toda a gente fica com a sensação de que as instituições funcionam e que a Justiça, essa nobre senhora que só tem os olhos da razão para julgar, se não deixa ao menos ela corromper ao serviço de meia dúzia de ladrões. Na Itália, caem diariamente cabeças engrinaldadas, por suspeita de corrupção em favor próprio ou do próprio partido político, que vem a ser a mesma coisa. Na Espanha, um familiar do primeiro-ministro ia pondo em jogo os serviços que seu irmão vem prestando, no alto cargo que de há anos ocupa. No Japão sucedem-se os escândalos de toda a ordem, para gáudio aliás dos europeus e americanos, que há tempos andam a temer a invasão do marcialismo oriental, tão enquadado, tão rígido e talvez tão cruel. Na América Latina, o último caso mais clamoroso teria sido o do Presidente da Venezuela, se os nossos irmãos brasileiros não tivessem detectado mais umas dezenas de altos burles, nas próprias câmaras onde se fazem as leis e se vela pela defesa dos direitos humanos. Nos Estados Unidos por enquanto os escândalos têm outra cor, mas não deixam de revelar o abalo profundo a que aquela terra de puritanos tem estado sujeita nas últimas décadas.

Busquem os sociólogos a razão profunda destes desvios contínuos. E louve-

mos todos a democracia que ao menos vai permitindo desmascarar alguns dos casos mais flagrantes, que costumam ser os últimos a vir a público, e que raramente sobem à barra dos tribunais, sempre por falta de evidência ou por razões de Estado.

Mas que havemos de fazer para que os pobres, agora confortados com a descoberta de alguns dos seus depredadores, não venham a perder a fé neste sistema da democracia, e caiam na tentação de se entregarem a ditadores que os comerá talvez mais? Não sendo este senão um episódio mais de um longo folhetim que dura há mil-

tos milénios de anos, talvez fosse caso para não ligar importância. Mas a história tem de andar para a frente. E o voto que podemos fazer é este: que as instituições funcionem para a repressão dos grandes ladrões, a fim de que os pequenos tirem daí a conveniente lição. E que todos percebamos a insuficiência da vigilância política quando a cidade deixou de acreditar nos seus valores, sobre os quais está Deus. Porque se os crentes, que desejam ser sal, se deixam corromper, o que não acontecerá com os que acima de si só reconhecem a força pública dos seus iguais!

A família está ao serviço da caridade, a caridade está ao serviço da família

Com este tema, escolhido para a Quaresma deste ano, o Santo Padre quis «convocar todos os cristãos a transformarem a sua existência e a modificarem os seus comportamentos, para serem fermento que faz crescer no seio da família humana a caridade e a solidariedade, valores essenciais da vida social e da vida cristã». Desta mensagem do Santo Padre, transcrevemos o seguinte:

«A família é o lugar primeiro e privilegiado da educação e do exercício da vida fraterna, da caridade e da solidariedade. No relacionamento familiar, aprende-se a atenção, o acolhimento e o respeito do outro, que sempre deve poder encontrar o lugar que lhe pertence. Depois, a vida em comum é um convite à partilha, que permite sair do próprio egoísmo. Aprendendo a partilhar e a dar, descobre-se a alegria imensa que nos traz a comunhão de bens. Com delicadeza, os pais procurarão despertar nos filhos, pelo seu exemplo e ensino, o sentido da solidariedade. Desde a infância, cada um é chamado também a fazer a experiência da abstinência e do jejum, a fim de forjar o seu carácter e dominar os seus instintos, em especial o da posse exclusiva para si mesmo. Aquilo que se aprende na vida familiar permanece ao longo de toda a existência».

Domingo numa sociedade em mudança

A Conferência Episcopal Portuguesa divulgou, no passado mês de Janeiro, uma Nota Pastoral sobre a vivência do Domingo na sociedade actual. Aprovado na assembleia plenária de Novembro passado, este documento destina-se fundamentalmente a reafirmar a importância do Domingo na nossa vida humana e cristã. Apresentamos, aqui, uma grande parte desse documento:

«Ao Domingo prestamos culto a Deus, unindo-nos particularmente, na Missa, ao sacrifício de valor infinito que Jesus ofereceu, na Cruz, a Seu Pai, em nosso nome e em nosso favor. Mas o Domingo é também para o homem. Para nós, cristãos, o Domingo é um 'dia diferente', um dia de paragem para tomarmos consciência e afirmarmos em termos concretos que somos livres, que queremos amar a todos e a todos servir na gratuidade e solidariedade mais generosas, que sabemos contemplar as maravilhas que Deus fez para nosso bem.

Ao preservar aos seus fiéis como dever grave a missa e o descanso ao Domingo, a Igreja não lhes coarctar a liberdade, mas procura iniciá-los ao seu bom uso, tal como o fazem os pais que educam os filhos no cumprimento dos deveres ou o Estado quando dita leis como a da escolaridade obrigatória.

No resultante à missa, ela deverá ser entendida e vivida como celebração festiva, que estreita os laços da comunhão fraterna entre os fiéis. Facilite-se a participação aos casais com crianças pequenas. Promovam-se celebrações dominicais da palavra às comunidades que não possam ter missa por falta de padres. Ajudem-se os doentes, idosos e marginalizados, involuntariamente retidos em casa, a santificar o Dia do Senhor, nomeadamente pela união de espírito às assembleias das missas transmitidas pela rádio e televisão. Tenham-se ainda em conta as situações criadas pelo trabalho contínuo e pelas várias formas de turismo, movimentos migratórios e deslocações ocasionais, procurando que todos os fiéis, mesmo nestes casos, tenham possibilidades de celebrar ao Domingo o mistério central da fé cristã.

O Domingo é também um tempo para o homem, para cada homem e para todos os homens. O descanso dominical, cada vez mais alargado ao fim-de-semana, tem de ser antes de mais um tempo de repouso e reconstituição da fadiga física e psicológica dum trabalho hoje tantas vezes desgastante,

pelo ritmo intensivo e absorvente das tarefas laborais, pelo ambiente de tensão e insegurança em que tantas vezes decorrem, pelas horas enervantes das deslocações a que obrigam, sobretudo nas áreas urbanas e suburbanas.

Mas o descanso dominical é muito mais que isso. É sobretudo um espaço de exercício da liberdade e da solidariedade. De liberdade, porque torna possíveis as ocupações de livre escolha, as que mais se prestam à afirmação e realização pessoais. O desporto, os jogos, os contactos com a natureza, a leitura, a música, a arte, a visita a museus e monumentos, a TV, as festas, espectáculos e diversões... são opções comuns, cuja variedade e riqueza medem o grau de civilização duma sociedade.

O descanso dominical é, depois, espaço aberto à convivência. Oferece larga possibilidade a encontros, formas de convivência e prestação gratuita de serviços, extraordinariamente importantes para a vida comunitária e colectiva dos homens.

Antes de mais para a vida familiar, hoje tão afectada pela dispersão dos membros da família. O Domingo é o dia da família, que muitas vezes só nele se pode ver reunida em convívio e diálogo de compreensão e amor. Também aqui urge ajudar a família a não perder as riquezas do Domingo, afirmando-se nele como lugar por excelência de encontro e ao mesmo tempo escola de abertura à afirmação pessoal e ao serviço gratuito dos outros.

O Domingo é também dia de solidariedade. É dia livre para encontros que afirmam e aprofundam amizades interpessoais, que, tantas vezes, entre jovens, levam a um namoro sério e feliz casamento. É dia também para o exercício das chamadas obras de misericórdia. É dia bom para o exercício do voluntariado, pela entrega generosa a serviços gratuitos em instituições e actividades de assistência e promoção social e cultural. Através de contribuições deste género e da participação pessoal em encontros, festas e manifestações colectivas, todos podem e devem contribuir para a promoção da vida social e do bem comum nos vários níveis.

Mas, é bom repeti-lo, tudo isto pressupõe, por um lado, que o maior número possível de pessoas tenha o descanso semanal ao domingo e, por outro, todas elas estejam iniciadas na utilização racional dos tempos livres.

Novena pela beatificação dos videntes

De 12 a 20 de Fevereiro e de 27 de Março a 4 de Abril, a missa das 11.00 h, na Basílica, terá como intenção pedir a beatificação dos videntes Francisco e Jacinta Marto. Pela mesma intenção, será celebrada missa na Capelinha das Aparições, nos mesmos dias, às 8.00 h (Domingos, às 19.15 h).

Nos dias 20 de Fevereiro e 4 de Abril, aniversários da morte respectivamente da Jacinta e do Francisco, o Sr. Bispo de Leiria-Fátima presidirá a uma concelebração, na Basílica, às 16.30 h.

Em Fátima o peregrino encontra a paz e o silêncio

— ENTREVISTA COM MONS. LIBERIO ANDREATTA —

Os principais organizadores de peregrinações de Itália reuniram-se em Fátima, nos dias 10 a 14 de Janeiro. Tratou-se da Assembleia Geral Pastoral Ordinária do *Segretariato Pellegrinaggi Italiani* (S.P.I.), que se realiza uma vez por ano, com o fim de estudar e melhorar todos os aspectos relacionados com as peregrinações.

Esta foi a primeira vez que o S.P.I. realizou a sua Assembleia Geral em Fátima, respondendo assim a um convite que lhe fora apresentado por Mons. Luciano Guerra, reitor do Santuário, dado o grande volume de peregrinações que estes promotores italianos conduzem a Fátima. Refira-se que é de Itália donde provêm mais peregrinações organizadas a Fátima, com uma média de 30.000 peregrinos por ano, divididos por cerca de 400 grupos.

Além dos cerca de 60 promotores de peregrinações italianas, participaram também neste encontro os reitores dos Santuários de Lourdes e de Fátima, bem como o responsável do Arquivo do Vaticano e da Biblioteca Apostólica Vaticana, Mons. Luigi Poggi.

O programa, que incluiu uma jornada de retiro espiritual, e visitas guiadas a Coimbra, Batalha, Alcobaça, Nazaré e Lisboa, teve como ponto forte a discussão da problemática das peregrinações a Fátima e a Lourdes.

Voz da Fátima fez uma entrevista ao presidente do S.P.I., Mons. Liberio Andreatta, de que aqui publicamos parte:

Voz da Fátima — O que é o S.P.I.? Quais as suas finalidades?

Liberio Andreatta — O S.P.I. é uma organização de 36 associações e organismos italianos que operam no campo do turismo religioso e das peregrinações. São

cessidades do homem de hoje; por outro lado, o acolhimento, a generosidade e simpatia dos portugueses, constituem um dos elementos que favorece este fluxo de pe-



associações diocesanas, regionais e nacionais, ou congregações religiosas, que têm como finalidade o espírito de coordenar, confrontar dificuldades e, sobretudo, tomar consciência, em união, dos valores profundos da peregrinação.

V.F. — A que se deve o grande aumento de peregrinações italianas a Fátima, nos últimos anos?

L.A. — Eu creio que esse grande impulso das peregrinações de Itália a Fátima tem vários motivos: primeiro porque Fátima oferece um espaço humano, de silêncio e recolhimento, isto é, responde às ne-

grinos italianos. Por fim, a hospitalidade aqui é oferecida a um bom preço, contrariamente ao que acontece em outros países, como a França, em que os preços aumentam muito, de ano para ano.

V.F. — Quais as dificuldades que pode encontrar uma peregrinação italiana que vem a Fátima?

L.A. — Eu diria que a organização do Santuário de Fátima é muito boa. Somente faço duas observações, uma de carácter técnico, e outra de carácter pastoral: a primeira, refere-se à falta de um aeroporto perto de Fátima, para que pudéssemos

chegar com maior facilidade. As viagens em autocarro tornam-se muito demoradas e cansativas.

Quanto ao aspecto pastoral, gostaríamos que as missas de carácter internacional fossem mais internacionais, de forma a que, por exemplo, os peregrinos não estivessem meia hora ou três quartos de hora a ouvir uma homilia sem nada entender.

V.F. — Qual é o verdadeiro significado de Fátima para os peregrinos italianos?

L.A. — O peregrino italiano faz em Fátima uma experiência que dificilmente consegue noutros lugares. Hoje, o homem vive numa sociedade de bem-estar, consumista, em «stress» e, por isso, nunca como agora tem necessidade de silêncio, de tranquilidade, de um espaço para reflectir. Fátima oferece tudo isto. Fátima é o convite de Jesus no Evangelho: «tu quando orares, entra no teu quarto, e, fechada a porta, reza em silêncio a teu Pai, pois Ele, vê o oculto, recompensar-te-á» (Mt 6, 6). Creio que é isto que prende o peregrino quando chega a Fátima: encontra Deus, encontra Nossa Senhora, interioriza-se, enfim, é uma experiência pessoal muito importante para a conversão e crescimento da vida cristã.

V.F. — Qual o papel da peregrinação numa evangelização dos dias de hoje?

L.A. — Nós realizámos um congresso em Itália, no ano passado, sobre esta questão. No nosso parecer, a peregrinação é verdadeiramente um instrumento importante para a nova evangelização. Porque? Como já disse, o homem hoje vive numa sociedade em que dificilmente en-

contra disponibilidade para rezar. Antes, o lugar tradicional da catequese e da evangelização era a igreja paroquial, e o momento era o fim-de-semana. Hoje, os italianos, aos fins-de-semana saem de suas casas, por motivos de desporto, de turismo, de repouso, e outros. Por isso esse espaço torna-se cada vez menos a paróquia. O mesmo tempo já não é favorável. Nós devemos procurar novos espaços e novos tempos para evangelizar e catequizar. Por isso, entendemos oferecer aos nossos cristãos uma semana de repouso, de serenidade, sem preocupações, em peregrinação. Torna-se um momento oportuno para a oração e para a evangelização.

V.F. — Como vai a «família das peregrinações» celebrar o Ano Internacional da Família?

L.A. — Este ano iremos realizar um congresso, em Roma, que terá como tema «Peregrinação e Família». Queremos demonstrar aos nossos párocos, aos nossos sacerdotes, que a peregrinação é uma ocasião verdadeiramente importante para que a família se encontre. Um momento em que o pai, a mãe e os filhos, unidos, possam encontrar-se e dialogar, conhecer-se melhor e estabelecer uma relação mais serena e mais tranquila.

Nós, este ano, estamos a preparar uma série de peregrinações, em condições económicas vantajosas, à Terra Santa, a Nazaré, a Fátima, a Lourdes, e a outros Santuários. Convidaremos especialmente as famílias, para viverem uma experiência de comunhão entre todos os seus membros, na serenidade da peregrinação.

Movimento dos Cruzados de Fátima

Mais um Conselho Nacional NOVOS PROJECTOS

Desde o ano de 1984 que os Cruzados de Fátima, por decisão e instituição da Conferência Episcopal Portuguesa, se tornaram em Movimento apostólico da Mensagem de Fátima.

Muitas pessoas ainda o situam na antiga Pia União. Daí algumas vezes o considerarem antiquado e de raiz da idade média.

Aos menos esclarecidos informamos que algo se está a fazer nas dioceses onde há secretariados e direcções paroquiais a trabalhar de acordo com os estatutos, normas e programas emanados do Conselho Nacional.

No campo da Oração muito se tem feito na vivência Eucarística, devoções Marianas pedidas e recomendadas pela Senhora da Mensagem.

No campo dos doentes, o Santuário de Fátima confiou ao Movimento o trabalho de recrutamento e acompanhamento dos retiros para doentes e deficientes físicos organizados pelo SEDO, da Reitoria.

Em cada ano realizam-se vinte e quatro retiros, distribuídos pelas dioceses do Continente e regiões autónomas dos Açores e Madeira, com a participação de cerca de 2.000 doentes.

Na pastoral das Peregrinações, particularmente com peregrinos a pé, o Movimento assumiu a coordenação deste serviço a nível nacional; e centenas de associados, em tempos de peregrinação, estão a trabalhar ao

longo das estradas com outras instituições e a prepararem espiritual e humanamente os peregrinos antes da partida das suas terras.

O Secretariado Nacional todos os anos promove encontros com os guias de grupos e responsáveis que prestam assistência aos peregrinos.

O Movimento tem uma "Casa do Jovem", cedida pelo Santuário, onde acolhe nas peregrinações e fins de semana, da Páscoa a Outubro, todos os anos, milhares de jovens portugueses e estrangeiros.

Outras iniciativas apostólicas realiza ao longo do ano a nível nacional, diocesano e interdiocesano, com jovens e adultos.

Nestes 10 anos de existência, muito se tem feito com o esforço e colaboração de muita gente que séria e afincadamente se tem dado ao Movimento.

De 13 a 15 de Janeiro, o Conselho Nacional reuniu mais uma vez sob a presidência do sr. D. Serafim Ferreira e Silva — Director Nacional do Movimento e Delegado da Conferência Episcopal.

Os trabalhos começaram com um encontro específico para os Assistentes Diocesanos, presidido pelo Director Nacional. Encontro que terminou com algumas conclusões relativamente ao futuro.

Seguiu-se o Conselho muito participado e vivido. De ano para ano veri-

fica-se que o Movimento se vai tornando cada vez mais Movimento, particularmente onde há organização e generosidade.

Este ano vai apostar mais num trabalho de formação a nível diocesano. E a nível nacional, para os três campos de pastoral — Oração, Doentes e Peregrinações, vão organizar-se encontros específicos.

O sector Juvenil tem um vasto programa: encontros, colóquios e assistência à "Casa Jovem", acima referida.

Os doentes vão ter mais retiros e os animadores encontros especializados de formação e acção.

Como já foi noticiado, o Secretariado Nacional publicou um Boletim sob o tema "Família Comunidade de Amor", instrumento de trabalho para a pastoral sobre a família.

E nos dias 16 e 17 de Julho vamos ter a Peregrinação nacional com o programa brevemente a anunciar.

O Conselho terminou com a palavra entusiasta, determinante, interpeativa e confiante do sr. D. Serafim que se colocou ao dispôr do Movimento em tudo que necessitar e lhe for possível. A sua participação no Conselho e o seu modo acolhedor, animou os participantes a trabalharem sem esmorecer por uma causa actual e importante — a Mensagem de Fátima.

□ P. MANUEL ANTUNES

Noventa anos de partilha



Foi com alegria que a comunidade paroquial de Alvaiázere (Coimbra), na manhã do dia 28 de Agosto celebrou em comunhão Eucarística o nonagésimo aniversário da D. DEOLINDA, colaboradora ainda no activo do Movimento dos Cruzados de Fátima e distribuidora do nosso bom jornal "VOZ DA FÁTIMA".

Foi também oportunidade, para partilharmos a nossa admiração pela sua disponibilidade apostólica.

À aniversariante, desejamos-lhe que

a vida ainda lhe reserve momentos como este, que são de muita alegria.

O Secretariado Nacional do MCF associa-se à honrosa e merecida homenagem e pede a Nossa Senhora uma particular bênção para aqueles e aquelas que nas paróquias vão dando do melhor da sua vida à vivência e difusão da mensagem.

O Movimento não vai morrer, porque ele é de Nossa Senhora e jovens e menos jovens estão em vários lados a fazerem um bom trabalho.

Atenção ao que se passa

O desejo de fazer bem, é semente colocada por Deus no coração de cada um. Cultivada e zelada produz frutos de bondade, disponibilidade, perdão, oferta, desprendimento, etc.. A pessoa generosa não é calculista, mas confiante; nem pessimista, mas entusiasta; não desiste, mas é perseverante. Perante a dificuldade, não se esconde. É até capaz de se privar de coisas que lhe davam jeito. Foi o caso da viúva do Evangelho: deu do que lhe fazia falta, pois confiava na Providência Divina. Quando se tem um coração grande, todas as coisas pequenas, se tornam grandes. Porém nem sempre isto acontece.

O ano passado foram devolvidos ao Secretariado Nacional um bom número de rolos de jornais "Voz da Fátima" com estes dizeres: "recusado pelo destinatário" e, "faleceu o destinatário". Algumas dioceses sofreram acentuadas baixas. São cerca de 3.000 as desistências, o que há muitos anos não acontecia. Isto verifica-se sobretudo onde o Movimento tem pouca vida e não está devidamente organizado segundo os estatutos e normas. Há 10 anos que ele foi instituído pela Conferência Episcopal. Talvez fosse oportuno reflectir nisto. O Santo Padre insiste na necessidade da vivência e difusão da Mensagem dizendo que ela tem algo de importante para a nova evangelização.

Pelos testemunhos que nos chegam, o jornal é lido e apreciado. Para muitas famí-

lias, sobretudo do meio rural, é o único que recebem.

Ao longo do ano registaram-se nalgumas dioceses, bastantes desistências. Muitos associados inesperadamente deixaram de receber o jornal, sem saberem porquê. De quem é a culpa?

Não haverá alguém generoso, que assumia a missão da pessoa que faleceu ou, por doença, deixou de o distribuir, trabalho que durante muitos anos fez com tanto carinho e generosidade? Corações generosos haverá sempre; é necessário encontrá-los.

Lembramos que os associados que desistem ficam privados das graças que lhes são oferecidas através das Missas que o Movimento manda celebrar todos os dias, concretamente uma, celebrada diariamente às 9 horas, na Basílica do Santuário de Fátima, pelos associados vivos e falecidos.

Pede-se aos responsáveis que estudem o ponto da situação e procurem solucionar o problema que está a inquietar muitos dos leitores habituais do jornal. Não se trata de propaganda, de mais jornais, mas sim dum objectivo apostólico.

Seria bom que durante este ano tal situação se consolidasse para que o jornal Voz da Fátima seja recebido por mais famílias, particularmente por aquelas que o deixaram de receber, sem sua culpa.

□ P. ANTUNES

A braços com o namoro

Eis um problema de todo o jovem. E um problema difícil de adjectivar. Quem seria capaz de encontrar o adjectivo mais adequado para o caracterizar?

Problema preocupante? Esbraseante? Absorvente? Apaixonante? Determinante? Angustiante? Dramático? Inebriante?

O namoro pode ser tudo isso sucessivamente. E talvez mesmo simultaneamente. Não é difícil dizer porquê. Temos contudo de ir ao fundo do problema. Os dois maiores deveres inatos de todo o homem são estes: conservar o indivíduo concreto que ele é; e conservar a espécie humana a que ele pertence.

Para se manter a si mesmo vivo, e de pé, precisa o homem de se alimentar. Para assegurar a propagação da espécie precisa de amar.

E ninguém saberá dizer de que é que o homem tem mais fome: se é de pão para a boca; se é de amor para o coração.

O problema do amor tem a ver com esta segunda fome.

Não há ninguém que não se sensibilize profundamente com os milhares de pessoas que vão morrendo à fome em Angola, em Moçambique, na

ex-Jugoslávia ou na Índia. Mas não se vê tanta preocupação com o facto de milhares de jovens porem termo à vida (só na Alemanha, mais de 15.000 por ano, entre os 18 e os 25 anos), por descirem da sua capacidade de amar ou da possibilidade de se sentirem amados.

Quando se brinca ao amor é o que acontece: destrói-se o amor. Tanto a capacidade de amar verdadeiramente alguém, como o acreditar em que alguém o possa amar.

O que é a droga? É o fundamento, no charco e no nada, dos que brincaram ao amor. Quem ama de veras não se droga. Só se drogam os frustrados. Os que "amaram" a brincar. Os que deixaram apodrecer o coração, depois de se terem "libertado" da inteligência e, pior ainda, da consciência.

A natureza humana está em plena correspondência com o plano de Deus-Criador, já expresso nas primeiras páginas da Bíblia: "deixará o homem seu pai e sua mãe e unir-se-á à sua mulher e serão os dois uma só carne" (Gen. 2, 24).

O homem nem é mero animal nem é puro espírito.

Por conseguinte, e no caso mais normal, o conceito e a realidade do

amor humano não se esgota na carnalidade do acto sexual nem se reduz à emoção platónica de um puro amor espiritual.

A força que comanda o "deixar pai e mãe" é a mesma que comanda o "fazer de dois uma só carne".

Porque "Deus é amor", é Ele a fonte de todo o amor. Mas "não separe o homem o que Deus uniu", como mandou Jesus Cristo. Se isto é válido em relação aos "dois" que uma vez se constituíram em "uma só carne", também o é em relação às duas dimensões do amor conjugal: ao amor espiritual e à sua dimensão carnal.

Em poucas palavras: Deus, autor do amor, é também o autor do sexo.

O sexo é nobre, mas ligado ao amor.

Separar o sexo do amor é opor-se à natureza. É opor-se ao plano do Criador. É destruir o amor. É destruir-se como pessoa humana. É animalizar-se.

O primeiro cuidado de dois namorados há-de ser, por conseguinte, o de recusarem brincar ao amor. Para não destruírem o amor que sintam despertar entre os dois.

□ M. JOAQUIM OCHOA

Nossa Senhora dos Caminhos



CASA DA RIBEIRA — TERCEIRA — AÇORES

A iniciativa do Movimento dos Cruzados de Fátima de restaurar os nichos de Nossa Senhora em Portugal, e construir outros novos onde houvesse necessidade, foi bem acolhida.

Centenas foram remodelados e zelados e muitos se construíram. Cada terra constrói consoante o parecer e o gosto da população.

O povo da Casa da Ribeira, em homenagem à passagem da Imagem Peregrina de Nossa Senhora pela sua terra, construiu este cuja fotografia vemos. Ao passarem junto dele rezem e recordem aquilo que Nossa Senhora então vos recordou e pediu. Prouvera a Deus que jamais seja esquecida a

histórica peregrinação por terras dos Açores.

Que as paróquias agradeçam tantas graças que Nossa Senhora então se dignou dar. Há um perigo muito grande de as preocupações e solicitações do mundo moderno fazerem esquecer a mensagem de Nossa Senhora, sempre actual e importante. Sabemos que o Movimento dos Cruzados de Fátima, nas paróquias onde está organizado, está a fazer um bom trabalho com os seus Párocos.

Sede perseverantes e fiéis, pois os tempos são difíceis e muitos continuam a naufragar na fé e nos seus princípios, da moral.

Quaresma da Alegria

Que título tão estranho! Quem se lembraria de associar à Quaresma que se avizinha um sentimento tão fora do contexto da época?

Não deveria ser uma quarentena de caras cinzentas, expressões de sofrimento, ombros descaídos e música fúnebre? Como posso eu estar tão alegre?!!!

É que vem aí a Quaresma!

No Advento esperávamos com cânticos doirados o Menino nas palhas nascido; a maravilha de Deus feito Homem; o profundo reconhecimento (e espanto) porque Ele vinha até nós! Tudo era alegria, motivo de festa, razão para grandes celebrações. Mas agora...

Agora... Ele ficou para sempre! Para nos ensinar o (duro mas belo) caminho da Vida. O Menino fez-se Homem, amadureceu o Fruto do Amor de Deus. E quer-nos ensinar a Viver, a sermos de verdade um espanto da Criação; uma imagem, ainda que tão frágil, d'Aquele que é.

Que alegria percorrer a Seu lado as estradas pedregosas! Porque Quaresma é caminho, mudança, conversão. É aquele espaço de tempo, tão privilegiado, em que Ele nos dá a Sua Mão como nunca e nos diz: "Juntos vamos conseguir!" E faz-nos sorrir de esperança: Ele pode. Ele é a Força. Ele é o Cura de todos os males (e são tantos...). E temos a certeza de que, com tanto Amor que Ele dá, todos os esforços para se ser (melhor) serão recompensados na medida de 1 para 1000. É a Sua presença na ORAÇÃO, nos pe-

quenos nadas de todos os dias, que nos dará coragem para preparar o terreno, para limpar o coração.

Que alegria termos tantas oportunidades para sermos MAIS.

□ MADALENA ABREU (MCF jovem)

FRASES SOLTAS

"Vindo a Virgem a Fátima para recordar ao mundo a mensagem Evangélica da penitência e da oração, então por ele tão esquecida, deveis ser vós portugueses amados filhos a dar o exemplo no cumprimento desta mensagem".

□ Paulo VI

"No matrimónio o homem e a mulher são chamados a transmitir o tesouro da vida a outros homens, por uma paternidade e uma maternidade humanamente responsáveis. Por isso, a Igreja condena como ofensa grave à dignidade humana e à justiça, as manobras, para cercar de maneira indiscriminada, a liberdade dos cônjuges em relação à transmissão da vida e à educação dos filhos".

□ João Paulo II, Sameiro - 1982